

VIAGEM A UM BRASIL DESCONHECIDO: O VIAJANTE HÉRCULES FLORENCE: ÁGUAS, GUANÁS, GUARANÁS DE DAYZ PEIXOTO FONSECA

André Luis Bertelli Duarte*

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

andrebduarte@gmail.com

Enquanto o recente império do Brasil vivia as tensões exercidas pelo processo separatista, um jovem aventureiro francês, inspirado pelas façanhas de Robinson Crusoe, aportava no Rio de Janeiro em 1824. Pouco tempo depois, foi contratado como segundo desenhista numa expedição científica chefiada pelo Barão de Langsdorff, embaixador da Rússia no Brasil. A história dessa expedição, contada através do olhar único do desenhista Hércules Florence, é o tema do recente trabalho de Dayz Peixoto Fonseca intitulado “O Viajante Hércules Florence: águas, guanás e guaranás”,¹ publicado pela Editora Pontes.



A autora nos conta a

história da expedição Langsdorff mesclando suas interpretações com citações do relato de Hércules Florence, o que dá um efeito dinâmico à narrativa, sem prejudicar seu

* Graduando em História pela Universidade Federal de Uberlândia; bolsista do CNPq; integrante do Núcleo de Estudos em História da Arte e da Cultura (NEHAC)

¹ FONSECA, Dayz Peixoto. **O Viajante Hércules Florence: águas, guanás e guaranás**. Campinas: Pontes, 2008. Doravante as citações dessa obra serão indicadas somente com o número da página.

desenvolvimento. O rico conjunto de desenhos feitos pelo viajante dá um colorido especial ao texto, na medida em que complementa o relato da expedição. O trabalho de Hércules Florence contribuiu significativamente para a ampliação das fronteiras – não somente geográficas, como também étnicas, naturais e arquitetônicas – de um Brasil não muito conhecido na primeira metade do século XIX.²

A expedição Langsdorff foi financiada pelo governo russo como tentativa de colher mais informações sobre um país muito explorado, mas pouco conhecido. Acompanhado ainda do botânico alemão Luiz Riedel, do desenhista Amado Adriano Taunay, do astrônomo e oficial da Marinha Russa Nestor Rubtsov, além do Barão de Langsdorff e do pessoal contratado para trabalhos menos “científicos”, Hércules Florence saiu do Rio de Janeiro em 1825. O itinerário da expedição incluía passagens pelo que hoje conhecemos como São Paulo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Amazonas e Pará, onde tomariam um navio e regressariam ao Rio de Janeiro pela costa atlântica.

Além de relatos minuciosos sobre o dia-a-dia da expedição e de histórias que ocorriam por onde passavam, as observações de Hércules Florence continham elementos que podem ser divididos em três categorias principais: 1) *naturais* – que inclui a fauna, a flora, as águas, os acidentes naturais, etc.; 2) *antropológicas* – os diferentes tipos humanos encontrados, seus modos de vida, características étnicas, etc.; 3) *urbanísticas* – formação das cidades e vilas, características arquitetônicas, população, etc. Em todas elas, percebe-se o choque existente entre o olhar “afrancesado” do



viajante com as novidades que surgiam aos seus olhos durante a expedição.

Os relatos e observações de Hércules Florence acerca dos elementos naturais formam um vasto repertório de imagens, odores, gostos, sons e cores. A

meticulosidade e o entusiasmo com que o viajante descreve as plantas, os animais, os

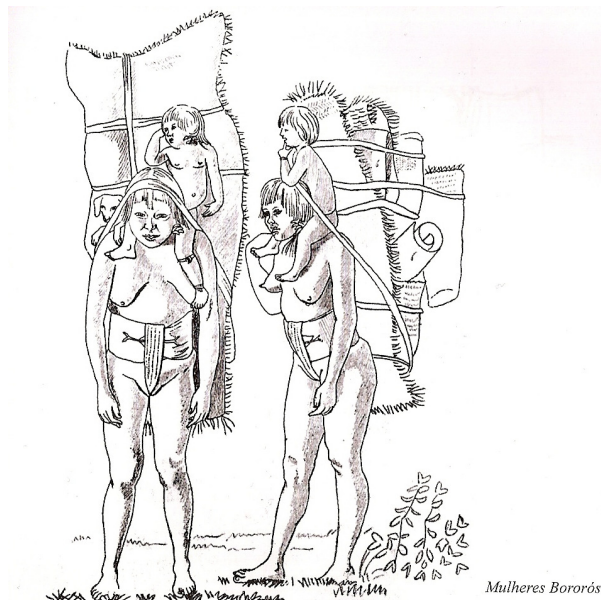
² A publicação do relato de Hércules Florence na revista do IHGB com o nome “Viagem Fluvial pelo Interior do Brasil – de 1825 a 1829” com tradução e introdução do Visconde de Taunay, reflete a importância que seu trabalho já havia adquirido ainda no século XIX, pois o IHGB foi um importante órgão preocupado com o forjamento de uma identidade nacional.

cantos dos pássaros, os sabores exóticos dos frutos, etc., compõem um todo que espanta pela harmonia e pela riqueza produzidas pelo contato de um jovem francês com as “excentricidades” do interior do Brasil. Hércules não se limitava a simplesmente relatar, de modo mecânico, o que via. Sua narrativa refletia suas próprias impressões estéticas. Segundo as palavras da autora:

Rios, cachoeiras, matas, palmeiras, tucurís, frutos, fazendas, vilas, cidades, tribos indígenas, fazendeiros, animais, enfim, tudo era interessante e registrado pelo jovem viajante Hércules. A natureza generosa pedia uma narrativa detalhada, verossímil. No seu jeito de narrar, falava também da alegria tantas vezes sentida, do medo frente aos perigos, dos cuidados que todos deviam observar. [...] Hércules fazia mais do que a simples e minuciosa descrição dos fatos. Expressava-os com sentimentos e comparações. Ele refletia. Refletia sobre a paisagem, enquanto relacionava seus conhecimentos de europeu às mais diversas sensações sentidas no infindável pantanal e na floresta tropical. (p. 42)

Somado a esse entusiasmo típico da juventude, Hércules realizava suas observações com uma erudição incrível, proveniente, certamente, de sua formação artística influenciada pelo lado materno.³ Enquanto observava os Aracuãs, notou que quando o macho cantava, a fêmea logo respondia repetindo as mesmas notas, mas em tom diferente.⁴ Sua capacidade de descrever o gosto das frutas também demonstra um senso culinário apurado.

Sobre suas constatações “antropológicas”, podemos dizer que o viajante demonstrava bastante interesse pelos índios e por seu modo de vida. Em seus desenhos, procurava retratar a família indígena, seus instrumentos cotidianos, sua forma de organização espacial e social, além elementos culturais, como as pinturas nos corpos. Dayz Peixoto Fonseca demonstra também como o viajante se detinha



³ A mãe de Hércules, Augustine de Vignaly, era proveniente de família de pintores das Academias de Artes da França e da Itália. (Cf. p. 14)

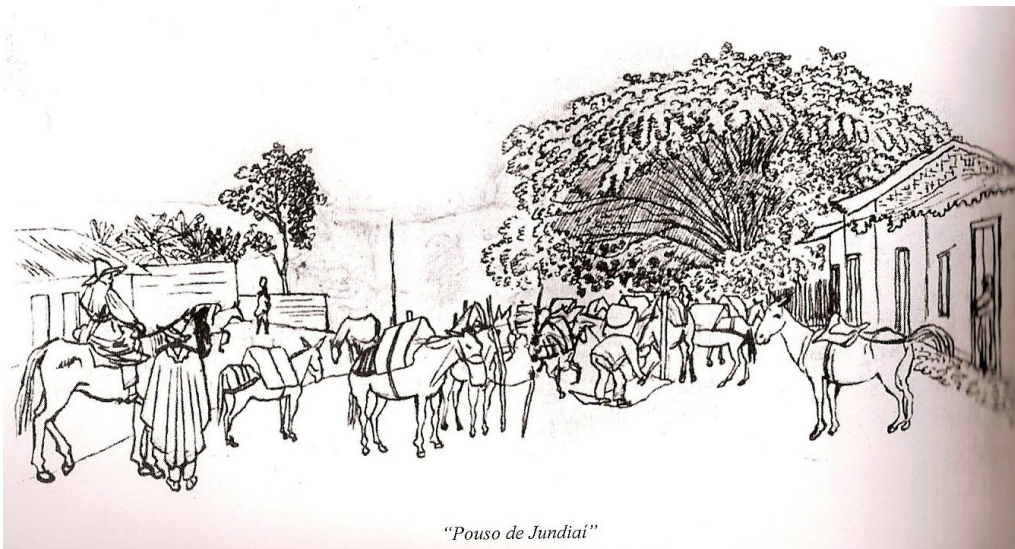
⁴ Cf. p. 56. Ainda segundo a autora, Hércules Florence também é o criador da Zoofonia, que denominou ao estudo sobre as vozes dos animais, colocando-as em pautas musicais para posterior reprodução. p. 168.

sobre o universo feminino com especial interesse:

Hércules preocupou-se com a situação da mulher entre os índios, ou seja, na família e nas tribos. A que ele se deparou, em algumas tribos a mulher era mais cuidadosa consigo mesma. Preocupava-se com os cabelos e as vestes, por exemplo. Em outras, elas preservavam a tradição da tatuagem no rosto e no corpo. (p. 88)

Os desenhos e os relatos que Hércules produziu sobre os índios são riquíssimos em detalhes, aproximando-se muito do realismo. Seu conjunto constitui-se em uma fonte inestimável para a compreensão do universo indígena na primeira metade do século XIX.

Cumprindo o objetivo principal da expedição financiada pelo governo russo – descobrir um pouco mais sobre o Brasil –, Hércules Florence não poderia deixar de relatar sobre as cidades. Por onde passava, apreendia os modelos arquitetônicos, as formas de transporte e comércio, a população total; enfim, grande parte do universo das cidades e vilarejos brasileiros. No caminho entre o Rio de Janeiro e São Paulo, relatou sobre Santos, cuja “única rua ao longo do rio e travessas que da praia vão ter ao alto da colina a cavaleiro sobre a cidade”; Cubatão, “ponto freqüentado, bem que não seja mais que um núcleo de 20 ou 30 casas mal construídas”; São Paulo, com “12.000 habitantes e algumas ruas não feias”. Jundiaí, Itu, Corumbá, Cuiabá, Santarém, Pará (Belém), ou seja, por todo lugarejo que a expedição passava, o viajante tomava notas com “fotografias” e relatos pormenorizados, o que resultou num material valioso para concebermos o Brasil do século XIX. É impressionante viajarmos pelo trabalho de Hércules Florence tendo em conta o que cada um desses lugares por ele observados se tornou menos de dois séculos depois.



Facilmente, percebe-se como o trabalho do viajante Hércules Florence transformou-se num acervo de grande relevância para a concepção do Brasil no início do século XIX. E a obra de Dayz Peixoto Fonseca nos traz essa fonte de modo simples e prazeroso, não somente para historiadores, arquitetos, antropólogos, geógrafos e botânicos, mas para todos aqueles que desejam adquirir conhecimento através de uma boa leitura.

